

Relação família e escola: uma parceria significativa

Ester da Silva Ferreira¹

Ingrid Sturmer Ingrassia²

Resumo: O texto a seguir trata-se de um ensaio acadêmico do Curso de Pedagogia EAD. Neste, foi desenvolvida a temática da “Relação família e escola” e objetiva-se analisar a parceria entre a família e escola, visando mostrar as contribuições de como essa relação pode trazer melhorias para a educação. Neste sentido, inicialmente, é desenvolvido um referencial teórico em relação ao assunto em questão e, se tratando de um ensaio, traz relato pessoal sobre as vivências durante o curso de Pedagogia e a relação com o tema escolhido, além dos principais motivos para a escolha da graduação em Pedagogia.

Palavras-chave: Família. Escola. Parceria. Ensaio Acadêmico.

Abstract: The following text is an academic essay from the Distance Learning Pedagogy Course. In this, the theme of “Family and school relationship” was developed and the objective is to analyze the partnership between family and school, aiming to show the contributions of how this relationship can bring improvements to education. In this sense, initially, a theoretical framework is developed in relation to the subject in question and, in the case of an essay, it brings a personal report about the experiences during the Pedagogy course and the relationship with the chosen theme, in addition to the main reasons for the choice. undergraduate degree in Pedagogy.

Key words: Family. School. Partnership. Academic Essay

Introdução

O presente trabalho trata-se de um ensaio acadêmico. Neste, tenciona-se a escrita dialogada com o cotidiano, mostrando então que as teorizações são significadas pelas experiências da vida em suas diversas vertentes.

Este ensaio tem como objetivo analisar a parceria entre a família e escola, visando mostrar as contribuições de como essa relação pode trazer melhorias para a educação. A escolha do tema se justifica na finalidade de trazer

¹ Graduada no curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação a distância do Centro Universitário Cenecista de Osório – UNICNEC.

² Mestre em Educação. Professora orientadora da disciplina de Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia EAD da UNICNEC.

apontamentos, argumentos e reflexões acerca da relação entre família, escola e aluno. Focando, diretamente, na relação entre os pais ou responsáveis e a própria educação oferecida nas escolas onde, atualmente, esta relação tem sido deixada de lado, pelos próprios pais e, também, pela instituição.

Busquei por referenciais teóricos que apresentam temas e assuntos relativos ao relacionamento família/escola com autores/pesquisadores sobre o assunto, assim como, autores que discorrem acerca do processo de ensino e aprendizagem. Alguns exemplos como Parolim (2003), importante para o entendimento da família enquanto base da sociedade; Reis (2007) com contribuições sobre a relação família e escola e como a escola se constitui enquanto importante instituição para a formação social dos alunos e filhos para a sociedade. Além dos autores, como Szymanski (2009); Tavares (2012); Oliveira (2010), Bock (2002).

O trabalho divide-se em três capítulos sendo, o primeiro, um referencial teórico em relação ao assunto em questão. O segundo, traz um relato pessoal sobre as vivências durante o curso de Pedagogia e a relação com o tema escolhido. E o terceiro capítulo é uma escrita sobre os principais motivos da escolha pela graduação em Pedagogia e as pretensões futuras.

Mesmo havendo o interesse de demonstrar toda a complexidade de tal assunto aqui proposto, não há a intenção de esgotar a discussão sobre este assunto, que vem sendo muito debatido e falado na comunidade científica e por aqueles que pensam e atuam na educação. Pretende-se, aqui, apontar caminhos, reflexões relevantes e aspectos gerais e teóricos retirados da relação família-escola que joguem luz sobre o enfrentamento concreto das dificuldades ainda existentes no procedimento de ensino-aprendizagem, e na relação entre escolas e pais.

A importância da família na escola

A família, assim como a escola, tem um papel muito importante no desenvolvimento da criança, essas duas instituições juntas, têm um único objetivo que é conduzir a criança a um futuro melhor, transformando-as em adultos responsáveis.

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa instituição. A escola tem sua metodologia filosofia, no entanto ela necessita da família para concretizar seu projeto educativo. (PAROLIM, 2003, p. 99).

De acordo com Szymanski (2009), essa parceria sempre foi um elo importantíssimo no desenvolvimento da aprendizagem da criança. É necessário, porém, que a família cumpra os seus deveres e a escola cumpra sua proposta pedagógica para que ambas possam atingir seus objetivos na formação do aluno.

O trabalho em conjunto entre família e escola traz muitos benefícios para o aluno, garante uma prática educativa que, de fato, promove a aprendizagem e produz bons resultados na formação dos cidadãos. A troca de informações importantes entre elas contribuem para aumentar a participação da comunidade na manutenção da escola. As condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento da criança dependem das boas relações mantidas entre família e escola, esse envolvimento é essencial para o sucesso da aprendizagem do aluno (PRESTES, 2006).

É de suma importância que a escola mantenha interação com a família de seus alunos, pois os mesmos se sentem mais seguros e participativos. Quando a escola percebe algo diferente no comportamento do aluno, ela orienta a família a investigar dando, à mesma, todo o suporte necessário para que haja uma resposta por parte do responsável. Se os pais forem presentes, fica mais fácil o trabalho. Pais presentes, colaborativos e cientes de suas responsabilidades, torna mais significativo o trabalho do professor. Reis (2007, p.6) diz:

A escola nunca educará sozinha de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida à escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos.

Mas não basta apenas que haja um bom relacionamento entre a escola e a família, é necessário que o ambiente em que esses alunos estão inseridos seja harmonioso, ou seja, tanto a escola quanto a família devem promover um ambiente em que as crianças sintam-se “abraçadas”. De nada adianta a criança ter um bom relacionamento em casa se na escola ele sofre algum tipo de preconceito, e de nada adianta ainda ela ter um ambiente acolhedor na escola se em casa ela sofre com agressões verbais, falta de atenção, falta de carinho, etc.. Segundo Zagury (2002, p.175):

Hoje, a aproximação da instituição educativa com a família incita-nos a repensar a especificidade de ambas no desenvolvimento infantil. São ainda muitos os discursos sobre o tema que tratam a família de modo contraditório, considerando ora como refúgio da criança, ora como uma ameaça ao seu pleno desenvolvimento.

A criança precisa de um ambiente acolhedor, cheio de afetos, amor e disciplina para que ela possa ter sucesso no seu desenvolvimento. Quando o ambiente em que essa criança convive é rodeado de brigas, conflitos, desafetos, isso trás certa dificuldade para o seu processo de desenvolvimento, tanto emocional, afetivo, cognitivo, enfim, todos esses comportamentos familiares sendo eles bons ou ruins vão afetar a criança. Segundo Tavares (2012, p.13):

A educação é um processo de construção do indivíduo, baseado na ação conjunta da escola com a família. Sabemos que há algum tempo, “a escola tem feito um esforço hercúleo para tentar substituir a ausência da família, e isso tem causado um desequilíbrio nesse processo de ensino e aprendizagem”[...].

Delors (2001) afirma que a família é responsável pelo desenvolvimento físico, social e psíquico da criança. É o primeiro grupo social do qual ela faz parte e nele acontece o primeiro aprendizado sobre hábitos e costumes. Os pais devem dar responsabilidades para os filhos como recolher os brinquedos, arrumar a cama ao acordar, a mesa para o jantar. Com essas atitudes, as

crianças estão se preparando para uma série de outras com as quais vão se deparar ao longo da vida.

Historicamente, a família tem sido considerada o ambiente ideal para o desenvolvimento e a educação de crianças pequenas. Essa é a posição de alguns sistemas educacionais, que sustentam que a responsabilidade da educação dos filhos, particularmente quando pequenos, é da família, e assumem um papel de meros substitutos dela, repetindo as metas embutidas nas práticas familiares. (OLIVEIRA, 2010, p.171).

Qualquer que seja a formação, um ambiente que propicie amor e contribua para o desenvolvimento de um indivíduo enquanto este pertencente a uma sociedade pode ser considerado um ambiente favorável ao bom desempenho escolar da criança. Uma família, mesmo sendo formada tradicionalmente, que não oferece uma estruturação favorável ao desenvolvimento humano-social, tende a gerar o mau desempenho escolar das crianças. A postura de uma família em relação à promoção de uma qualidade familiar facilitadora ao ensino, também não é culpa apenas da família. Como Pereira (1995, p. 33), “acontecimentos e mudanças significativas na sociedade tendem a interferirem no andamento de uma família, e até em sua estruturação”.

Conte (2009) assegura que uma família atuante na educação formal de seu filho, mantendo uma relação de reciprocidade com a escola e esta, por sua vez, acolhendo o educando de forma satisfatória, possibilita que a criança seja bem mais feliz, comunicativa e aberta às oportunidades que o mundo oferece, acreditando na possibilidade de realização de seus sonhos, embasados no compromisso com a dignidade que recebeu de seu ambiente familiar e escolar. Dessa forma, compreende-se a relevância da família tanto no lar, quanto na educação formal de seu filho. Como é a família que introduz os primeiros hábitos, valores e cultura, esta não pode falhar, pois poderá comprometer o desenvolvimento da criança.

Cortella (2016) afirma que a função da escola é a escolarização: é o ensino, a formação social, a construção de cidadania, a experiência científica e a responsabilidade social. Mas quem faz a educação é a família. O objetivo

maior da escola é preparar a criança para enfrentar a sua realidade, propiciar a ela o amadurecimento no sentido de ela definir sua própria vida e que não se submeta a um mundo que já existe, mas se aprimore e crie maneiras de interagir com o mundo, revolucionando o ambiente em que vive e fazendo o melhor em constantes atitudes da vida.

A escola se esforça para educar, mas se a família não consegue contribuir, cabe à escola interagir, fazer com que a família participe, traga seus problemas e encontre soluções. Hoje, o professor passa a fazer o papel dos pais, o professor não ocupa um papel terapêutico em relação à criança e sua família, “mas o de conhecedor da criança, de consultor, apoiador dos pais, um especialista que não compete como papel deles”. Oliveira (2010, p.32) aponta que os filhos tendem a falar que os seus pais não os entendem, mas isso acontece porque os pais não têm tempo de ouvi-los.

Atualmente, a família tem passado para a escola a responsabilidade de educar e instruir seus filhos, esperando que os professores trabalhem valores morais, éticos e padrões de comportamento. A escola, por sua vez, afirma que o êxito do processo educacional depende, e muito, da atuação e participação da família que deve estar atenta a todos os aspectos do desenvolvimento do educando. Insiste sobre a responsabilidade pela formação dos alunos que os pais transferiram para ela, e alegam que isso a desviou da função de desenvolver os conteúdos.

A escola surgiu para responder as necessidades de preparo do indivíduo para a vida pública. A família ficou apenas com a formação moral de seus filhos. Hoje escola ocupa grande parte da vida dos seus filhos. (BOCK, 2002, p.256).

A escola precisa fazer a mediação entre o indivíduo e a sociedade, articulando os saberes à realidade na qual vivem as crianças. O aprendizado necessita de significado, de relações claras com a verdade do cotidiano da família, enfim, da própria sociedade. É na escola que também acontece a troca, a obtenção de informações e de aprendizagens. Lá formulamos grande parte das perguntas e respostas que nortearão nossas vidas. Ela é um lugar de

multiplicidade e, assim como a família, agrupa um conjunto de diferenças. De acordo com Silva, Ferreira e Lopes (2011):

O contato social é importante entre os alunos que formam um grupo de pessoas que não se envergonham diante uns aos outros, pois o mundo letrado é preconceituoso com quem não atende às suas exigências, não se enquadra nos seus padrões (2011, p.15).

Na escola construímos relações de troca que irão colaborar com o desenvolvimento como um todo. Aprendemos que nem todos pensam da mesma forma e, na divergência de pensamentos, surgem ideias e ações que nos impulsionam.

A realidade vivida

Durante todo o meu período acadêmico, me deparei com inúmeras situações que quase me fizeram desanimar quanto à minha escolha de ser professora. Encontrei muitos casos em que a família era muito ausente na vida escolar dos filhos e essa ausência reflete, fortemente, no aprendizado dos alunos e dificulta o trabalho do professor.

De acordo com Souza e Sisto (2001), a dificuldade de aprendizagem é caracterizada quando o estudante não atinge o mínimo de aprendizado para a sua idade ou os conteúdos pedagógicos propostos para a sua faixa etária. Como consequência dessas dificuldades de aprendizagens, a criança pode apresentar sentimentos negativos como tristeza, insegurança e inferioridade, podendo levar futuramente até o abandono da escola (JACOB et al., 1999). Muitas crianças se tornam até agressivas por falta desse relacionamento entre a família e a escola, elas ficam tristes quando tem reuniões de pais e seus pais não estão presentes, se sentem esquecidos, acham que seus pais não os amam.

No meu primeiro estágio que foi na pré-escola, me deparei com uma situação, muito triste e constrangedora. Tratava-se de um aluno com deficiência e a escola fazia de tudo para que a mãe procurasse atendimentos adequados à necessidade do aluno mas, infelizmente, a mãe nada fazia. A criança

necessitava fazer atendimento com fonoaudiólogo, psicólogo, acompanhamento médico, mas nada frequentava. Muitas das vezes via a escola sem ter muito que fazer, pois a mesma necessitava da parceria dos pais para conseguir ajudar o aluno. Não havia ali uma parceria em que um ajudasse o outro, a escola ajudava a família, mas a família não ajudava a escola. Foi aí que a escola acionou o Conselho Tutelar; eles entraram com providências e a mãe foi obrigada a cumprir com suas obrigações e passou a satisfazer as necessidades daquele aluno.

Meu segundo estágio se deu na Educação Infantil, foi uma experiência ímpar, pude vivenciar uma realidade, infelizmente, muito comum hoje em dia numa sala de aula: a agressão do aluno ao professor. Em uma turma com 25 alunos, havia um aluno muito agressivo, ele batia, cuspia, rasgava cadernos, livros, estragava os materiais dos colegas, fazia muitas coisas ruins. A orientação educacional convocou os responsáveis para uma conversa e os pais faltaram em duas convocações, na terceira convocação a mãe compareceu. Explicou toda a sua situação, disse que depois que se separou do seu esposo, seu filho ficou muito agressivo com todos à sua volta, pois via as constantes brigas entre os pais. A criança passava o dia todo na escola, pois a mãe trabalhava o dia todo para suprir com as necessidades da casa, já que não havia mais o esposo para suprir as necessidades básicas. A escola encaminhou a criança para que fizesse alguns atendimentos e a mãe foi muito participativa, queria muito ajudar seu filho e também ser ajudada. Hoje essa criança faz todos os acompanhamentos necessários e é um dos melhores alunos em sala de aula. Souza, Soldatelli e Lopes (1997), investigando o psicodinamismo familiar de crianças agressivas, comprovam os efeitos da privação emocional em meninos com queixa de agressividade no ambiente escolar. As autoras demonstram que estas crianças apresentam-se de forma agressiva na escola com o fim de vivenciar aquilo que seus lares não puderam oferecer: a possibilidade de uma expressão afetiva mais espontânea e o estabelecimento de limites.

Muitas das vezes, a criança tem determinados tipos de atitudes agressivas para poder chamar a atenção dos adultos que a cercam, às vezes, é falta de carinho, falta de um diálogo em casa, falta de passar mais tempo de qualidade com a família.

Meu terceiro estágio foi em Espaços não Escolares e ocorreu em um salão de beleza; lá tive o prazer de conhecer pessoas maravilhosas, pessoas que foram sofredoras mas que conseguiram superar seus obstáculos. Teve uma história de uma senhora chamada Maria que perdeu sua mãe quando ainda era bem pequena, cresceu aos cuidados de seu pai, o qual lhe proporcionou todos os melhores momentos de sua vida. Acompanhou todo o seu período escolar, era um pai presente em todas as reuniões, participava de todos os projetos da escola de Maria, mas, mesmo assim ela sentia muita falta da figura materna. Por mais que o pai fizesse todas as suas obrigações, nunca eram suficientes, pois ela sentia uma falta imensa de sua mãe. Foi aí que ela começou a ter dificuldades na aprendizagem. Os professores, ao perceberem suas dificuldades, convocaram seu pai e conversaram sobre o problema dela, decidiram fazer várias terapias e que deram muito certo. Maria conseguiu superar todas suas dificuldades de aprendizagem e, hoje, ela é formada em Psicologia. Escolheu essa profissão para ajudar pessoas que tenham as mesmas dificuldades que ela teve quando criança.

Diante do exposto devemos levar em consideração que todo indivíduo possui experiências e vivências históricas que começaram no âmbito familiar e vão para escola como ressalta Marcelli (2010, p. 21) que:

Com muita pertinência que uma criança pequena sem sua mãe não existe: ambos, mãe e filho, formam um todo sobre o qual deve incidir a avaliação e o esforço terapêutico. Essa verdade é válida também para a criança maior e para o adolescente. A avaliação do normal e do patológico no funcionamento de uma criança não poderia ignorar o contexto ambiental, parental, fraternal, escolar, residencial, amigável, religioso, etc.

A escola onde trabalho funciona em período integral, é uma escola de Ensino Fundamental 1(1º ao 5º ano). Percebo aí, que a família tem deixado suas

crianças à mercê do trabalho da escola, se descuidando de suas funções e obrigações, seja como mãe, pai e/ou família. Osório (1996, p.81) afirma que “existe a necessidade de definir bem o papel dos pais na vida educacional de seus filhos. A participação da escola não isenta os pais nas obrigações sociais com seus filhos”. Ainda, segundo o autor, “Não se deve delegar à escola tarefas que continuam sendo da família. Cabe a esta oferecer à criança e ao adolescente a pauta ética para a vida em sociedade” (1996, p.82). Muitos pais não têm interesse nos acontecimentos da escola, seja reunião, palestra, apresentação de trabalho. Estão interessados, somente, em deixar o aluno na escola e já é o suficiente, se esquecendo que a presença da família é fundamental para o desenvolvimento saudável dos seus filhos.

Foram várias as experiências que tive nessa minha caminhada acadêmica, umas boas e outras ruins, mas todas elas serviram de degraus para que eu subisse cada fase da minha vida. Vi muitas parcerias significativas entre a família e a escola onde os resultados foram excelentes, onde toda a comunidade escolar obtinha sucesso em tudo o que faziam. Mas pude contemplar, também, muitas famílias que não se importavam com as dificuldades dos seus filhos e que, infelizmente, as consequências não foram muito favoráveis à criança. Estudei matérias que me chamaram a atenção como Libras, Psicologia, Educação Inclusiva; com conteúdos que eu estava vivendo em determinados momentos nos estágios e que me motivaram a aprender mais e mais sobre o assunto.

Comecei um curso de Libras e passei a participar de palestras na área de Inclusão. Professores maravilhosos me acompanharam durante esse caminho como a querida Karin Koenig, o Eduardo Rangel Ingrassia, que são ótimos exemplos de profissionais da educação, procuram sempre ajudar os alunos quando são solicitados, usando sempre de muita simpatia e seriedade. Procuo sempre dar o meu melhor pois, assim como eu tive esses profissionais como referência, quero também ser referência na vida de meus alunos.

A educação como base

Foram vários motivos que me incentivaram para escolher pela graduação em Pedagogia; eu já sou professora, pois fiz o Magistério, já trabalho na área da educação, mas desejava ter um Curso Superior, então, optei em estudar à distância, pelo horário flexivo, pelo valor das mensalidades e por acreditar nesta modalidade de ensino.

O estudo EAD é como outro qualquer, o aluno precisa ter responsabilidades, compromisso, organizar o seu tempo e sempre procurar fazer as atividades, trabalhos e assistir aos vídeos que estão disponíveis no ambiente virtual.

Estudar Pedagogia foi um aprendizado de grande valia pra mim enquanto regente de sala de aula. O curso, como qualquer outro, não tem receita pronta, estudamos a teoria que será colocada em prática quando for exercermos a profissão. Reconheço que aprendi muitos fatos novos dentro desse mundo mágico que é a educação.

A educação é a base de todo ser humano, o indivíduo que não tem essa consciência, não alcança bons objetivos na vida. Vale ressaltar que a família é fundamental neste processo, pois juntamente com a escola tem grande contribuição na formação do sujeito. Por este motivo, família e escola devem coexistir e estar em constante comunicação para garantir resultados positivos. A presença dos pais na escola, e da escola presente e fazendo parte da rotina familiar, fazem com que compartilhem experiências, entendam e trabalhem em conjunto em tudo aquilo que tange a vida da criança envolvida, atuando juntos na resolução de problemas.

Não pretendo parar de estudar, pois quero fazer uma especialização em Psicopedagogia para entender e ajudar os alunos a lidarem com suas dificuldades no processo de desenvolvimento do ensino e aprendizagem.

A psicopedagogia tem como objeto de estudo a aprendizagem humana, que surgiu de uma demanda as dificuldades de aprendizagem, colocada em um espaço pouco explorado, situado além dos limites da Pedagogia e da Psicologia (PORTO, 2011, p.7).

As famílias, atualmente, estão abrindo mão dos seus filhos, não educam, não dão limites, ou seja, deixam fazer o que querem e, com isso, o mau comportamento é refletido nas escolas. A falta de educação de muitos alunos é o reflexo da criação recebida pela própria família.

Portanto, as famílias precisam participar da educação escolar dos seus filhos, se informar sobre todos os acontecimentos da escola, ajudar no que é preciso, pois filho é pra sempre já o aluno é passageiro. O maior interessado na educação do aluno precisa ser os pais.

Na atual sociedade onde todos trabalham, muitas das vezes as crianças ficam desde muito novinhas, com terceiros, com avós, babás, creche integral e com isso a educação fica em segundo plano, fazendo com que as escolas e professores fiquem sobrecarregados. A família é importante em qualquer desenvolvimento do indivíduo, pois é o primeiro meio social do ser humano.

Considerações finais

Após a profunda revisão e estudo da bibliografia proposta, ficou clara a importância de influência plena e consciente entre a escola e as famílias de seus alunos. Evidenciou-se que tanto a escola, quanto a família, são importantes referenciais para o progresso escolar dos alunos.

Visto tudo que foi exposto, pode-se entender que, quando os alunos possuem uma boa base familiar e quando a relação entre família e a escola está sendo estabelecida com sucesso, o resultado final sempre será satisfatório. Portanto, podemos afirmar que quanto mais próxima for à relação entre família e escola, maior será o crescimento do aluno/filho.

Todavia, a participação familiar na vida de seus membros que frequentam a escola, deve ser consciente e constante, sendo primordial a orientação ao aluno, e a noção dos pais em não interferirem na conduta e propostas pedagógicas da mesma de modo radical, levando em conta valores pessoais ou dogmáticos. É necessário que estas instituições estejam dispostas ao

diálogo consciente, visando à otimização do desenvolvimento do cerne desta questão em relação: o aluno. Com base no material bibliográfico, acredita-se que o desempenho escolar das crianças tende a melhorar se forem seguidos os caminhos e reflexões propostas aqui pelos autores expostos.

Entretanto, mesmo com os caminhos expostos aqui, não há uma fórmula preparada e já testada de êxito para uma boa educação em relação família-escola. É necessário falar que o trabalho exposto não pretende por um fim a esta discussão, nem estabelecer um caminho certo e outro errado. O que se pretendeu no atual trabalho foi propor reflexões. E, por último, e não menos importante, demonstrar a relevância da necessidade de diálogo entre as duas instituições. O diálogo promove uma maior aproximação e pode ser o começo de uma grande mudança no relacionamento entre a família e a escola.

Uma das estratégias que a entidade pode estar utilizando para que a família participe mais da vida escolar da criança, é implantar os chamados colegiados como o Grêmios Estudantil e o Conselho Escolar. Visto que esses dois colegiados necessitam da participação direta e indiretamente da família.

Referências

BOCK, Ana Mercês Bahia (et alii). **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

CONTE, Sueli. **Bastidores de uma escola**: entenda por que a interação entre a escola e a família é imprescindível no processo educacional. São Paulo: Gente, 2009.

CORTELLA, 2016 Entrevista à Revista **ISTO É**: Disponível em: <https://istoe.com.br/mario-sergio-cortella-vivemos-num-momento-incomodo-que-pode-levar-reinvencao/> Acesso em 29 de Abril de 2020.

DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. 6. ed. Tradução José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRA, Shirley Lopes. SILVA, Shirley Angela. **A expectativa dos alunos da EJA com relação à educação para o trabalho**. Recife. Universidade Federal do Pernambuco, 2011.

LOPES, C. S. (2000). **Violência e trabalho escolar. Teoria e Prática da Educação**, 3(6), 91-113.

MARCELLI, Daniel. COHEN, David. **Infância e Psicopatologia**. 8ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PAROLIN, Isabel. **Professores Formadores: A relação entre a Família, a Escola e a Aprendizagem**. 1ª Ed. 04/2010 Pulso Editorial

PRESTES, M. L. M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**. 3ed. São Paulo: Respel, 2007.

OLIVEIRA, A. F. Políticas públicas educacionais: conceito e contextualização numa perspectiva didática. In: OLIVEIRA, A. F.; PIZZIO, A.; FRANÇA, G. (Orgs). **Fronteiras da educação: desigualdades, tecnologias e políticas**. Goiás: PUC, 2010.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Família hoje**, 1 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

REIS, Risolene Pereira. **Relação família e escola: uma parceria que dá certo**. Mundo Jovem: um jornal de ideias. p. 06. Ano XLV –nº 373 - Fevereiro de 2007

SOUZA, M. A. Intervenção psicoterapêutica em meninos agressivos escolares como prevenção de comportamento transgressor futuro. **Psicologia: Teoria e Prática**, 3(2), 2001, 21-35.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola**. 2ª Ed. Brasília: Líber Editora, 2009.

ZAGURY, Tânia. **Escola sem conflito: Parceria com os pais**. São Paulo: Editora Record, 2002.